

LULA CONTRA LULA

O desespero de Lula para alterar os ponteiros de sua popularidade e virar o quadro eleitoral no segundo turno tem proporcionado uma fotografia política tragicômica: Lula está fazendo oposição a si mesmo para tentar se livrar de sua impopularidade.

Nesse processo, Lula, comicamente, está mostrando a uma parcela mais atenta e bem-informada da população, consciente dos efeitos nocivos de suas políticas, que o PT não empobreceu a população por estar fazendo uma má ou descoordenada gestão dos recursos públicos.

Também mostrou que os sinais de celulares poderiam ser bloqueados por um simples decreto e que a asfixia financeira do tráfico de drogas é essencial para a ordem pública. Nos últimos dois meses, Lula pivotou e vem se comportando como oposição ao seu próprio governo e à sua agenda de gestão. Lula III começou totalmente voltado para a nova economia verde, ESG, energia renovável e créditos de carbono; agora quer aparentar atenção total do governo ao trabalhador, à população e aos empreendedores.

A carta aberta às famílias evangélicas do Brasil é a fotografia final dessa mudança abrupta e cínica de agenda política. O mesmo PT que passou anos tratando o eleitor cristão como obstáculo civilizatório, como um fanático a ser reeducado, descobre às vésperas da eleição — e, diga-se, sem conseguir impedir uma maré bolsonarista no Legislativo — que lares fortes produzem uma nação forte. A linguagem é forjada para gerar uma conexão, até o momento inexistente, buscando gerar uma identificação que jamais houve entre o petista e o eleitor evangélico: a carta fala sobre “seguir a verdade em amor”, “boa mão de Deus”, “aliança renovada”. Nada ali nasce de uma identificação real de quem vive a vida eclesial ou se compadece das dificuldades dessas famílias; todo o vocabulário foi colhido por marqueteiros, plastificado, falso e demasiadamente forçado.

Lula apresenta o combate às bets como cruzada moral — afinal, foi pensando nas famílias que ele as suspendeu, certo? —, quando foi o próprio governo que regulamentou, licenciou e recolheu somas pornográficas de impostos com as casas de apostas, enquanto o endividamento das famílias subia. E aqui há uma dose cavalgar de crueldade: no Brasil governado por Lula, as pessoas têm mais esperança de obter dinheiro com apostas e jogos de azar online; foi completamente perdida a esperança de prosperar. No Brasil do PT, a possibilidade de angariar recursos para sobreviver parece mais real nas apostas e cassinos online, pois a confiança no trabalho foi completamente destruída pela inflação e sufocada pela pesadíssima carga tributária.

E a promessa de “combate ao crime organizado com inteligência” soa muito mais como confissão tardia de um partido que, por décadas, tratou facção como problema social e polícia como suspeita, do que propriamente como a continuidade de uma política pública de um presidencialista que busca a reeleição.

O tom da carta não é de governante que presta contas com expectativas de continuidade, mas de candidato que pede absolvição. O presidente que ocupou o cargo por três mandatos fala de “arrumar a casa” como se tivesse chegado ontem e promete “escutar o clamor” de quem nunca foi ouvido nos fóruns climáticos e nas cúpulas multilaterais que dominaram a primeira metade do governo. Sem nenhum vestígio de autocrítica, o petista troca o figurino e espera que a memória do eleitor seja tão curta quanto a coerência do discurso.

Parece que Lula quis deixar claro para todo o Brasil: até mesmo ele, para se reeleger, precisaria atuar como oposição.

- **A súbita conversão do mandatário em opositor da própria gestão** expõe o desespero eleitoral do regime e confirma que o descalabro econômico e a insegurança pública decorrem de escolhas políticas conscientes.
- **A aproximação artificial com o eleitorado cristão e a cruzada moral tardia contra as plataformas de apostas** revelam o cinismo de uma máquina partidária que antes hostilizou os valores tradicionais da sociedade e lucrava com o endividamento popular.
- **Ao renegar a própria pauta ideológica em busca de absolvição nas urnas**, o lulopetismo confessa a inviabilidade de seu projeto de poder e atesta a falência de um governo que precisa fingir renovação para tentar escapar da derrota.

